

Resenha Crítica: *Bibliografias Úteis à Pesquisa Científica 1641-1998*, de Reinaldo Imbrozio Barbosa, Efreim Jorge Gondim Ferreira e Yêda Vídeio Penedo (Eds.). Manaus, INPA, 2000

PROF. ERWIN H. FRANK\*

Chegou finalmente às nossas mãos uma publicação importantíssima, editada por Reinaldo Imbrozio Barbosa, Efreim Jorge Gondim Ferreira e Yêda Vídeio Penedo, pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA). O livro, financiado em conjunto pelo INPA e Governo do Estado de Roraima, foi publicado em Manaus, com data de 2000. A obra pretende (segundo a "Apresentação" de Dr. Warwick E Kerr, Diretor do INPA): "... estabelecer, em um único documento, todo um poderoso acervo que é base para qualquer trabalho de pesquisa que venha a destacar Roraima ... com o intuito de ... massificar a informação e facilitar, consideravelmente, os trabalhos de busca literária de pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação..." (PIO). Como tal, ela é de inestimável valor, sobretudo para nós, docentes e discentes da UFRR, que preparamos ou assistimos cursos nos quais tentam mostrar a capacidade da ciência em geral de gerar saberes úteis para todo tipo de "realidade", inclusive a regional (roraimense); que orientamos ou elaboramos "monografias de graduação" (quase sem exceção tematicamente voltadas para a região) e que tentamos seguir adiante com nossas próprias pesquisas, sem (até agora) dispor de uma fonte confiável e abrangente de orientação quanto a outras tentativas de aplicação da ciência ao ambiente regional, nem de uma biblioteca (universitária ou outra!) a nível de Estado, organizada e conformada em maneira tal que a descoberta de tentativas bem sucedidas poderia ser realizado *en situ*. No futuro, esse livro será nosso ponto de saída obrigatório para qualquer esforço neste sentido, mesmo que não compartilhemos o otimismo do Editorial (P. 11) que declara todos os livros e ensaios bibliografados nesta obra seja "de livre acesso ou de fácil obtenção pelo usuário comum".

Ora, em vista do enorme avanço que o livro representa para a ciência, nem tanto "sobre", mas principalmente em Roraima, pode parecer mesquinho e até ingrato querer, além de aplaudir e agradecer a chegada desta obra, formular ainda algumas críticas, mesmo que pertinentes. Mesmo assim (e talvez só para não romper com uma velha tradição deste gênero literário), formularemos - no que segue - alguns questionamentos, quase todos relativos à sistematização ou à estruturação interna da obra - com a exceção das seguintes frases: referências bibliográficas são extremamente

\* Prof. do Curso de Ciências Sociais - UFRR

sensíveis a erros ortográficos, pontos ou vírgulas inapropriados, palavras mal transcritas (sobretudo em línguas estrangeiras!) ou simplesmente "esquecidas". Mesmo que inevitáveis numa obra desta natureza, tais erros podem facilmente resultar fatal a mesma missão das bibliografias em geral: essa de facilitar a descoberta de fontes importantes. De novo: sabemos muito bem que não existe mesmo trabalho bibliográfico sem falhas. Mas, muitos erros cometidos neste livro poderiam e deveriam ser evitados com uma revisão mais cuidadosa<sup>1</sup>.

O trabalho aqui sob revisão porta o título: "Roraima, Bibliografias Úteis à Pesquisa Científica: 1641 -1998" e é a delimitação política destas "bibliografias úteis" que acho ser preciso questionar. Porque, Roraima é um Estado do Brasil que, como tal, dificilmente serve como campo delimitado ou limitável para qualquer ciência. Claro que os editores desta bibliografia sabem disso e, de vez em quando, se atrevem "violiar" os auto-impostos limites políticos da sua obra e incluir no seu livro trabalhos cuja relação com Roraima c, digamos, bastante "indireta"<sup>2</sup>. Isso vale sobretudo com relação a trabalhos entre ou sobre os indígenas Yanomamõ, Yanomam, Sanuma, Yanam, etc, que - aliás - já mereceriam uma Bibliografia própria. Mas, essas raras excursões fora do Estado que dá o título a este livro nos parecem lastimavelmente raras e teimosas.

Fato é que pouco em Roraima pode ser entendido sem extensas leituras de obras com relação meramente indireta (e, frequentemente, muito indireta!) com esse espaço político. Isso vale com certeza para a minha ciência: a etnologia ou antropologia cultural. Afinal: não existe povo indígena em Roraima, cujo território não seja cortado de alguma maneira pelas fronteiras políticas que delimitam Roraima nos quatro lados. Tentar, por exemplo, escrever uma etnografia dos "Ingarikó", ignorando a extensa literatura relativo aos "Akawaio" da Guiana (dos quais os nossos Ingarikó constituem aquela fração que, por mero acaso histórico, se encontraram algum dia no Brasil) ou se atrever falar dos assim chamados Taulepang de Roraima, ignorando a vasta literatura sobre os seus irmãos Pemon da Venezuela, tentar entender os Yekuana (Maya) n....

<sup>1</sup> Para dar só dois exemplos. Primeiro, a "Grammer, Notes and Vocabulary of the Language of the Indians of Guiana" do Reverent James Williams, apareceu mesmo em 1932, no Vol. 8 da "Anthroposbibliothek" (P.389-408) que, até 1938 foi ainda publicado em St.Gabriel-Molding, na Áustria, - como indica, corretamente, a referencia da P.45. Mas, o ensaio do mesmo autor (NI) e mesmo ano que aparece na próxima página como publicado na revista "Anthropos" num 1 ipifl naquela revista! Neste caso, Anthropos é simplesmente o nome da editora que publicou (↔ legUi publV/MH do!) tanto a revista "Anthropos" como a "Linguistische Anthroposbibliothek"; ou seja: ai dUS<sup>ii</sup>..... buidas a Reverent Williams, em realidade são uma só. Segundo: as poucas informações (M. ....) (sobretudo uma lista de palavras, que lhe chegou de Horstmann via cientista francês ( Ondfil... I I, 0 kajRil te alemão Karl Friedrich Philipp von Martius publicou num dos dois volumes (acredito Vol II) d. .... "Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Südamerikas zumal Brasiliens, que foram publicadas. .... Leipzig e Erlangen, Alemanha, em 1863 e 1867 respectivamente, assim que procurai MIM Ifitfml \ \ •• (como sugere a Bibliografia na P.200) sob o título de "Die Macusis" no primeiro tomo dl... I Pivl (ü chamada "Etnog. und Sprach. Amer.", seria um empreendimento sumamente frustrante!

<sup>2</sup> Por exemplo: ImThurn, 1890 (P.22); todos os trabalhos de Napoleon Chagnon, tanto em oollborifl..... Neel, et ai, em "Antropologia Física", como propriamente etnográfico (índios do Ilnisil). Uni' i<fi I/<>'> (P.156); Raleigh, 1618 (P.160), Alexander von Humboldt, 1959 (P.166) etc.

alto Auaris), os Patamona do Maú, ou até os Macuxi e/ou Wapishana, os Wai-Wai ou até Waimiri-Atroari, deste lado das fronteiras nacionais e inter-estaduais, sem conhecer o que já foi escrito e publicado (em todas as línguas!) sobre grupos locais dos mesmos povos na Venezuela, Guiana, o Amazonas e até o Pará é simplesmente inimaginável!

Mais ainda! Pelo menos do ponto de vista antropológico, "Roraima" faz parte de uma extensa "área cultural" (que outros já chamaram "circum-roraima"), centrada no Monte Roraima, e que irradia de lá até os vales do Orenoco, o Amazonas e a costa atlântica das Guianas. Ora, como mostraram De Civrieux e Whitehead em obras importantes (que, lastimadamente, os editores ignoram<sup>3</sup>), nem as diversas fronteiras políticas, linguísticas e culturais que dividem esse enorme espaço na atualidade, nem (menos ainda) as múltiplas viravoltas que a história de ocupação e incorporação colonial desta vasta área nos impérios coloniais de espanhóis, portugueses, holandeses, ingleses e franceses sofreu desde o início do século XVI pode realmente ser entendida sem análise detalhada das extensas redes de interação pré-coloniais que marcaram este espaço, assim como as múltiplas redefinições que estas redes sofreram em consequência do colonialismo e neo-colonialismo.

Mas, sem dúvida, tudo isso vale não somente para a antropologia, senão igualmente para qualquer outra ciência! Afinal, nenhum biólogo estudando, digamos, as antas de Roraima ignorará algum estudo sobre esta espécie, só porque foi realizado na Colômbia, por exemplo!

Ora, muito mais questionável ainda que tentar encerrar essa obra bibliográfica nos limites "arbitrários" de Roraima me parece o (ab-)uso que os editores deste livro fazem do complexo esquema de classificação numérico-temática de livros, artigos e outros materiais que, algum tempo atrás, foi elaborada e propagada a nível nacional, com a finalidade declarada de "unificar" a classificação de publicações de toda índole nos "fichários temáticos" das bibliotecas e, desta maneira, "facilitar" o trabalho bibliográfico. Mesmo que extremamente complexo, esse esquema é útil, - sempre que usado para organizar fichários multi-referenciais, preferencialmente computarizados, onde toda obra está classificada sob todos aspectos que o seu conteúdo permitir ou requerer. Se, pelo contrário, se tenta encaixar (como nesta bibliografia) toda e qualquer obra em uma, e só uma, das centenas de categorias do esquema, o resultado é inevitavelmente de questionável valor.

Para dar um exemplo: "Religião" (200) é uma das dez grandes supra-categorias no esquema do qual estamos falando. Subordinadas a ela existem varias sub-categorias, entre outras, uma chamada "Missões Cristãs (!?) Nacionais e Estrangeiras" (número: 266). Sob este título/número deveria ser classificada, pois, toda e qualquer obra que contenha alguma informação relativa a tais "missões cristãs"! Ora, a primeira obra que aparece sob este título no livro editado por Barbosa et. ai. é "*La conquista espiri-*

<sup>3</sup> M. de Civrieux, *Los Caribes y la Conquista de la Guayana Espanola (Etnohistoria Kart'na)*, Caiacas, Instituto de Investigaciones Históricas, 1976; e: N.L. Whitehead, *Lords of the Tigre Spirit A History of the Caribs in Colonial Venezuela und Guyana 1498-1820*, Doidrecht, Poris Publ., 1988.

*tual de El Donulo Las expediciones capuchinas ai Lago Parima 1750-1777*", de "Amodio, E., I<sup>o</sup> (vide: P.15). Admito que não conheço a obra, mas a classificação procede, sem dúvida, afinal: as "expediciones" Inaladas foram realizadas por missionários que tinham a finalidade declarada de assentar mais índios em "reducciones", mantidas pelos Capuchinho', nos rios Caura e Cuyuni. Só que, além de ações de "missionários", esses eram veritovcis empreendimentos de descobrimento e conquista, cuja repercussão mais imporlank- do ponto de vista brasileiro - foi, aliás, que eles levaram o então governo de (Irão Pará e Maranhão a pensar seriamente em como salvar a posse do alto rio Branco paia a coroa de Portugal.

Ou seja: a ohm de Amodio podia e até precisa ser classificada na seção de "Historiografia" (I(0111: 907.2) - além de constituir provavelmente também uma fonte secundária imporliinle relativo à constituição e à estrutura do norte de Roraima como espaço étnico na medule do século XVIII (980.41; "índios do Brasil"). Finalmente, e além de tudo isso, a ohm lambem poderia (ou deveria?) aparecer sob "Migração, Colonização e Polítloi ' olomal" (item: 325); "Política Internacional e Diplomacia" (327); "Jurisdição e Relações (I >ircilo) Internacional" (341.4), e "Viagens" (910; - onde, aliás, aparece mesmo outro \ ersão do mesmo artigo!), afinal, a obra - com certeza - contém informações impoi lanles em Iodas estas áreas! Ora, se a finalidade de qualquer bibliografia é informar ao pesquisador interessado em alguma temática do fato que existe aí uma obra que ele preeis» consultar, restringir a obra de Amodio à seção "266: Missões Cristãs" signífico ney.oi 00 pesquisador interessado em - digamos - "Colonização e Política Colonial" na Amo/óiuú (mas não em "Missões cristãs") uma informação importante para ele, que existe mesmo aí outro trabalho de suma importância para o seu tema! Entendemos, claro, e pleiúmnenle, as "razões práticas" que motivaram (obrigaram?) os editores a reduzir referências cruzadas e classificações múltiplas nesta obra a um mínimo. Permitidos ION rclereneios e classificações, mesmo que só as mais óbvias e indispensáveis, essa ohm leria pelo menos 500 páginas a mais das suas 211 atuais e custaria pelo menos o dobro! Mos, de novo: tentar encaixar toda e qualquer obra numa única rubrica do esquema usado, necessariamente produz classificações, no mínimo, "questionáveis".

Por que, por exemplo, aparece o famoso trabalho de Audry Bult-Colson sobre "Routes of Knowledge" (I..1), mus, sobretudo: Fvereth Im Thum: "Primitive Games" (Ibid.) sob a rubrica W\ ( "Sociologia")? O que justifica a inclusão do trabalho historiográfico de uni ilos editores (Reinaldo I. Barbosa: Ocupação Humana em Roraima Ie II". P.24)em 104 ( "Reologia Humana")? Por que a inclusão da tradução parcial ao inglês de "Ricluiñ Nchomhiirgks Reisen in Brilisch (iuiiana", publicada por J.A. Villers em 19(11, sob (27 ("l'olília lutei nacional e Diplomacia"; P.29), só porque o autor anuncia no seu Illnlo que leni "conscq(eneias para a arbitração de fronteiras entre a (iuiiana e «l Brasil"? Aliás, os irmãos Schomburgk! Obras deles aparecem (além da acima indicada) sob 500 "Ciências Ruros"(?, P.46); 580 = "Botânica" (P. 74); 581.634 = "Plantas Medicinai" (R79); 501.38 "livolução Animal" (?, P.85) e 980 = "História Geral da América do Sul" (R174-175), mas, curiosamente, não em 900 (Geografia, História e Biografia), J02 ("Historiografia", nem em 910 ("Viagens") e em

980 (= "índios do Brasil") só com o minúsculo ensaio de Richard Schomburgk: "On the Natives of Guiana" (P.208). E o meu eterno favorito: Theodor Koch-Grünberg? Supostamente, este tem nada a dizer sobre "índios do Brasil" (o que ofende mesmo!). Seus "Mitos e Lendas dos índios Taulipang e Arekuna" são classificados como 398 (= "Folklore" (P.42)) e todo o resto da sua vasta obra é classificada: "572: Antropologia Física, Etnologia"<sup>4</sup>!

Mas, já basta! A classificação de uma gama tão ampla de literatura é mesmo uma tarefa difícil e diferentes opiniões sobre a melhor categoria para qualquer obra são absolutamente inevitáveis. Esqueçamos, então, esse assunto difícil e celebremos, uma vez mais, a existência mesma desta obra; a coragem enorme e o valioso trabalho dos seus editores; o financiamento oportuno pelo MCT e pelo Estado de Roraima; e a nossa própria sorte de agora em adiante poder contar com um instrumento tão poderoso nos nossos trabalhos. Parabéns a todos!

<sup>4</sup> Caberia, por certo, o termo "etnografia" se o esquema classificatório se referisse ao sentido alemão -norte americano (ou: original grego!) deste termo. Só que o contexto mostra que os elaboradores do esquema entenderam o termo no seu sentido francês, onde - por causas históricas que não nos cabe aqui detalhar - o termo "etnia" é um quase-sinônimo de "raça" e, pelo tanto, a "etnologia" parte da "antropologia física"!

# **TEXTOS & DEBATES**

Normal para publicação de trabalhos em Textos & Debates - Revista de Filosofia e Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais e Geociências da Universidade Federal de Roraima

1. Os trabalhos deverão ser escritos no processador de texto Microsoft Word 97, enviados em disquete com uma via impressa. O disquete deve trazer uma etiqueta identificando o(s) autor(s) e o nome do arquivo.
2. A primeira página deve incluir o título, o nome do autor, e nota de rodapé na qual constarão: a titulação do autor, instituição a que está vinculado, atividades desenvolvidas no momento,
3. Tipo de letra: (Normal) Times New Roman; tamanho número 12.
4. Limite do texto: os trabalhos devem conter no máximo 20 folhas (papel A4) ou 30 mil caracteres.
5. Espaçamento: espaço 1,5 entre linhas e parágrafos; espaço duplo entre partes e entre textos e exemplo, citações, tabelas, ilustrações, etc.
6. As tabelas devem ser feitas no Microsoft Word 97 a partir da Barra de Ferramentas "Tabela".
7. As ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, etc.) e anexos devem vir prontos para serem impressos, dentro do padrão geral do texto e no espaço a eles destinado pelo(s) autor(es). Para anexos que constituem textos originais já publicados, incluir referência bibliográfica completa bem como permissão dos editores para publicação.
8. O texto deve ser apresentado na seguinte sequência: título do trabalho, nome(s) do(s) autor(s), texto com notas e referências bibliográficas.
  - a. Título: centralizado, em caixa alta e baixa, se negrito ou grifo.
  - b. Subtítulos: sem adentramento, sem numeração e em caixa alta.
  - c. Nome(s) do(i) autor(s): duas linhas abaixo do título, à direita; caixa alta.
  - d. Referências no corpo do trabalho: entre parênteses, aparecendo o último nome do autor em caixa alta e baixa, seguido de vírgula, a data identificadora do trabalho, seguida de dois pontos e a identificação do(s) número(s) das páginas(s) citada(s).
  - e. "Notas: devem aparecer ao final do trabalho, antes das Referências Bibliográficas, numeradas de acordo com a ordem de aparecimento. O texto deve estar em corpo 8 e os destaques (livros, autores, artigos) devem ser dados em itálico, conforme a necessidade.

f. Referências Bibliográficas: a palavra referências bibliográficas, em caixa alta, sem adentramento, duas linhas antes da primeira entrada. Autores em ordem alfabética, sem numeração de entradas e com um espaço entre as referências. As linhas das referências não são adentradas, nem mesmo a primeira. O principal sobrenome de cada autor vem em caixa-alta, seguido de vírgula e do nome e sobrenome. Na segunda entrada de um mesmo autor, seu nome é substituído por um tracejado. O título do livro, período ou capítulo vem em itálico. Em seguida vem o local de publicação, o nome de editora e a data da publicação da obra. Mais de uma obra no mesmo ano deve ser distinguida pela letra a, b, c, etc, após a data.

g. Anexos: caso existam, devem vir depois das referências bibliográficas.

Observação: Os disquetes e as cópias impressas devem ser entregues aos professores abaixo listados.

**Novos Editores a partir do próximo número:**

Prof. Carla M. Souza - [carlamont59@uol.com.br](mailto:carlamont59@uol.com.br)

Prof. Ana Lúcia de Souza - [alsics@uol.com.br](mailto:alsics@uol.com.br)

Prof. Raimundo Nonato G. dos Santos - [rnonatog@uol.com.br](mailto:rnonatog@uol.com.br)